

DIVULGAÇÃO

THAIS VIEIRA

ARTIGO

Moda reflete seu tempo e ajuda a contar toda a história de um país » 2



CULTURA

Entre rezas e folhas, Yasmim Lima celebra vida e ancestralidade » 4



Visão exige cuidados em todas as épocas da vida

Da infância à terceira idade, doenças oculares podem avançar sem sintomas; diagnóstico precoce ajuda a evitar perda e manter a boa visão por toda a vida » 3

ILUSTRAÇÃO/ESHOJE



CRISTINA SEIXAS

Além da passarela: a moda e a história de um país

Já dizia o escritor francês Anatole France (1844-1924): “Se eu pudesse escolher apenas um livro entre as publicações impressas cem anos após a minha morte, sabe por qual optaria? Eu escolheria simplesmente uma revista de moda, na qual eu poderia ver como as mulheres estarão vestidas um século após minha partida. E estas roupas me fariam mais sobre a humanidade futura do que filósofos, romancistas, profetas e intelectuais”.

A discussão sobre a moda como fenômeno sociocultural de expressão de um momento, de uma sociedade, ou um fenômeno meramente comercial são algumas questões que emergem frequentemente nos debates sobre esse campo.

O processo de criação na moda passa por transformações, muitas vezes por influência do contexto cultural, histórico e ambiental, cujos valores e significados se revelam na interpretação de sua realidade. Assim, é possível definir a moda como a expressão do momento. Existem determinadas características de estilo que sobressaem e expressam manifestações culturais, tornando a moda um símbolo de comunicação de massa, cujas formas, cores e texturas “contam” o momento histórico-social de um país.

Vejam, por exemplo, a moda feminina das décadas de 1940 e 1950 na Europa, mais especificamente na França, onde pode-se notar claramente o discurso de cada uma inserida em seu contexto. 1950 reflete a reação à rigidez da estrutura do vestuário feminino dos anos 1940 e às grandes limitações à moda parisiense, criada sob forte influência das linhas militares e do vestuário masculino, com poucas cores, sem ornamentações, ombros armados e profusão de bolsos e de botões. As saias encurtaram, devido à economia de tecido, e os looks eram complementados por sapatos abotinados e sandálias com plataforma de cortiça. Era o reflexo do rigor das leis protecionistas, que determinavam até a metragem do tecido a ser utilizada. Os países envolvidos no con-

flito conviveram com o sentimento de despojamento e de simplicidade.

Com o fim da guerra, mais precisamente em 1947, aconteceu uma grande reviravolta no mundo fashion, quando a Dior apresentou sua primeira coleção de alta costura, a Ligne Corolle — rebatizada de New Look por Carmel Snow, pela editora de moda da revista Harper’s Bazaar — com saias amplas de cintura fina e corpetes estruturados. Os modelos chegavam a gastar vinte metros ou mais de tecido para a roda da saia, a exemplo do modelo Diorissimo, complementados por sapatos altos de salto “agulha” e enormes chapéus. Era uma nova silhueta, em que a moda expressava feminilidade e elegância e que, em contraponto à fase anterior, exibiu o re florescimento da in-

dústria têxtil e das pequenas empresas de acessórios.

A narrativa fashion é um conjunto de signos que envolve do conceito à construção estética e exibe um discurso implícito de um momento, influenciado, por exemplo, por um contexto social, como o comportamento de consumo, as crises ou novos movimentos sociais, e que se reflete no discurso visual.

Por exemplo, um desfile pós-pandemia pode exibir conforto e liberdade, por meio de formas e de tecidos, com a silhueta mais ampla e a modelagem mais fluida. As formas, os materiais e as cores dos modelos podem expressar e/ou questionar padrões corporais e estéticos, tornando-se o espelho de seu tempo.

Em uma rápida análise da moda em Paris, hoje, nota-se a valorização do corpo, unindo simplici-

dade visual e respeito à silhueta, com conforto e movimento natural, e os elementos que se destacam são a cintura marcada (uso do peplum), texturas ricas, como o couro, em peças principais do look, e os bordados delicados em substituição às estampas.

Realça o “feito à mão”, com técnicas artesanais, em contraponto ao consumo rápido anterior. A moda busca menos “choque” visual e mais pureza nas formas, definidas por modelagens e tecidos que dão o tom natural ao caminhar. Percebe-se o cansaço aos excessos, com a busca de uma estética mais limpa, mais natural, por meio de looks mais sóbrios e duradouros, contrapondo a prática do descarte. Enfim, a moda valoriza o trabalho artesanal e a origem das peças e sinaliza um retorno ao natural e ao chique.

Publicação Legal é aqui

 <https://eshoje.com.br/noticias/publicacao-legal/>
Impresso e digital diários

Contato:

bianca@eshoje.com.br/
27 99744-6251



Olhos: da criança ao idoso, cada fase exige cuidados

Problemas podem surgir em qualquer idade e nem sempre apresentam sintomas no início

CAROLINA BOUERI

jornalismo@eshoje.com.br

Enxergar bem hoje não significa que os olhos estejam livres de problemas. Algumas doenças oculares avançam sem dor e com poucos sinais, enquanto outras podem ser confundidas com mudanças naturais da idade ou cansaço. Na quinta-feira (8), o Dia Mundial da Visão chama a atenção para um cuidado que deve começar na infância e acompanhar toda a vida.

No Espírito Santo, a demanda por atendimento oftalmológico aparece nos números da rede pública. Das 83.126 cirurgias eletivas realizadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) no Estado no primeiro semestre deste ano, 31.821 foram oftalmológicas. A especialidade liderou o número de procedimentos realizados pelo programa OperaES.

Os riscos, no entanto, não são os mesmos em todas as idades. Na infância, alterações visuais podem passar despercebidas porque a criança nem sempre consegue explicar que não está enxergando bem. Em setembro, mais de 3 mil estudantes do 1º e do 5º ano da rede municipal de Aracruz foram selecionados para avaliação oftalmológica depois de uma triagem identificar sinais de possíveis alterações.

DIVULGAÇÃO



“O ceratocone costuma surgir na adolescência e pode evoluir de forma silenciosa”

Lucas Emery, oftalmologista

Dor de cabeça frequente, necessidade de se aproximar muito do caderno ou do quadro e apertar os olhos para enxergar estão entre os comportamentos que merecem atenção. A dificuldade visual também pode aparecer como desinteresse pelas atividades escolares.

A oftalmologista Maria de Fátima Neri alerta que a visão participa de diferentes etapas do desenvolvimento infantil. Uma alteração não identificada pode afetar aprendizagem, comunicação, autonomia e desenvolvimento motor.

Outro componente passou a fazer parte da rotina das famílias: as telas. Celulares, tablets e computadores usados por períodos prolongados podem provocar cansaço visual, ressecamento dos olhos, visão embaçada e dor de cabeça. O excesso também é associado à progressão da miopia, principalmente quando acompanhado de pouca exposição à luz natural.

QUANDO O GRAU MUDA DEMAIS

Na adolescência e no início da vida adulta, mudanças frequentes no grau dos óculos não devem ser tratadas automaticamente como algo comum. Elas podem estar relacionadas ao ceratocone, doença que provoca afinamento e deformação progressiva da córnea.

Visão embaçada, sensibilidade à luz, dificuldade para enxergar à noite e aumento frequente do astigmatismo estão entre os sinais. O oftalmologista Lucas Emery explica que o ceratocone costuma aparecer justamente na adolescência ou no início da vida adulta e pode evoluir de forma silenciosa. Coçar os olhos com frequência, principalmente entre pessoas com alergias oculares, está associado à progressão da doença.

Entre jovens e adultos, o uso de lentes de contato exige outros cuidados. Dormir com as lentes, manuseá-las sem lavar as mãos ou ultrapassar o período recomendado de uso pode causar desde irritações até infecções e lesões na córnea.

Segundo a oftalmologista Vanessa Ronconi, dor, vermelhidão intensa, sensibilidade à luz, secreção ou redução da visão durante o uso das lentes exigem a retirada do produto e avaliação médica.



ILUSTRAÇÃO/ESHOJE

Crianças nem sempre conseguem explicar problemas de visão, por isso é importante acompanhar

Perigo que chega sem avisar

A PARTIR dos 40 anos, uma das principais preocupações é uma doença que pode não apresentar sintomas no começo. O glaucoma provoca danos progressivos ao nervo óptico e é uma das principais causas de cegueira irreversível. Estima-se que cerca de 1,7 milhão de brasileiros convivam com a doença.

A perda da visão ocorre gradualmente e, quando o paciente percebe a alteração, o dano já pode estar avançado. Pessoas acima dos 40 anos, diabéticos e quem possui histórico familiar de doenças oculares estão entre os grupos que precisam de atenção redobrada.

O diabetes também pode atingir os olhos por meio da retinopatia diabética, que provoca alterações nos vasos sanguíneos da retina e pode comprometer a visão. Por isso, controlar doenças crônicas também faz parte da prevenção ocular.

Com o avanço da idade, outra doença ganha espaço: a catarata. Cerca de 14 milhões de brasileiros convivem com o problema, considerado a principal causa de cegueira reversível no país, e

mais de meio milhão de novos casos surgem a cada ano.

Dificuldade para dirigir à noite, necessidade de aumentar a iluminação para ler e visão embaçada são alguns dos sinais. Um dos obstáculos ao diagnóstico é acreditar que enxergar cada vez menos é consequência inevitável de envelhecer.

Embora os riscos mudem ao longo dos anos, a recomendação atravessa todas as idades: não esperar a visão piorar para procurar atendimento. Consultas periódicas permitem identificar alterações ainda no início, quando há mais possibilidades de tratamento ou controle.

OS OLHOS DÃO SINAIS

Algumas mudanças merecem avaliação oftalmológica:

- **CRANÇA** que aproxima demais o rosto do caderno ou tem dificuldade para enxergar o quadro;
- **DOR** de cabeça ou cansaço visual frequentes;
- **MUDANÇAS** repetidas no grau dos óculos;
- **VISÃO** embaçada, dupla ou com halos ao redor das luzes;
- **DIFICULDADE** crescente para enxergar à noite;
- **VERMELHIDÃO** intensa, dor ou sensibilidade à luz;
- **PERDA** de parte do campo visual;
- **REDUÇÃO** repentina da visão.



Todos devem consultar um oftalmologista periodicamente

Yasmim Lima faz imersão de saberes em Goiabeiras

Artista capixaba apresenta trabalho sobre rezas e cuidado ancestral em exposição no campus

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

Folhas de aroeira, murta, vasos de barro, água de cheiro e um alguidar para defumação formam a estrutura de “Assentamento de Benzedeira”, obra idealizada por Yasmim Lima — a Vêia do Patuá. A instalação integra a exposição “Passagem”, realizada pelo Museu Vale em parceria com a Galeria de Arte Espaço Universitário (Gaeu), no campus de Goiabeiras da Ufes, em Vitória. A visitação gratuita segue até 30 de outubro.

A produção extrapola a dimensão material dos objetos, ativando-se por meio de rezas, gestos e palavras ligados à prática tradicional da benzeção. Transmitidos entre gerações, esses saberes do cuidado popular ganham o espaço da galeria como lugar de manifestação viva, memória e partilha comunitária.

Com curadoria de Isabella Baltazar, a mostra reúne obras selecionadas por edital e convidados locais. A proposta curricular coloca em fricção temas como corpo, ancestralidade, tecnologia e natureza. Na entrevista a seguir, Yasmim Lima analisa sua obra e a presença das tradições de matriz popular no circuito de arte contemporânea.

ES Hoje: Como nasceu a Vêia do Patuá?

Yasmim Lima: “A Vêia do Patuá” nasceu antes mesmo de ser um nome. Ela nasceu como uma energia que cria, pensa, costura



THAIS VIEIRA

“A instalação não leva apenas objetos para a galeria: leva memória, prática e cuidado”



EVILYN QUINTINO

A instalação “Assentamento de Benzedeira” integra exposição na Gaeu, no campus da Ufes

e conduz minha relação com o benzimento e com as tecnologias ancestrais de cuidado. É essa presença que pesquisa, caminha, planeja, monta e também executa todo o processo. Esse nome chegou até mim por meio de mulheres mais velhas que fizeram parte da minha caminhada, tanto no plano físico quanto na minha experiência espiritual. Foram mulheres que me orientaram e me nomearam Vêia do Patuá, reconhecendo em mim uma determinada energia e uma responsabilidade de continuidade desses saberes.

Qual é sua relação com a benzeção?

Minha relação com a benzeção atravessa minha trajetória e minha convivência com saberes transmitidos entre gerações. Venho de uma linhagem de benzedeiros e parteiras e cresci em contato com os terreiros e com diferentes formas de cuidado presentes nesses territórios. Para mim, benzer não é apenas realizar uma reza: envolve as plantas, as palavras, o corpo, o território, a escuta e a memória. A Vêia do Patuá é também uma guardiã. Guardar, para mim, significa cuidar para que esses conhecimentos continuem vivos, sejam pra-

ticados, pesquisados e compartilhados. É dessa mesma costura que nasce meu trabalho como artista-pesquisadora e a criação da Casa Saberes de Raízes, onde esses conhecimentos também encontram espaço para serem vivenciados e transmitidos.

O que muda quando a benzeção sai do espaço doméstico e entra numa galeria universitária?

Quando a benzeção sai do espaço doméstico e entra em uma galeria, ela passa a ocupar outro território, mas não deixa de ser aquilo que é. O que muda é o contexto e a possibilidade de esse saber ser encontrado por outras pessoas. Para mim, esse deslocamento também afirma que conhecimentos transmitidos entre gerações, muitas vezes dentro de casas, quintais e terreiros,



EVILYN QUINTINO

Plantas e objetos da obra são parte da trajetória de Yasmim

podem ocupar espaços de arte, pesquisa e educação. O Assentamento de Benzedeira não leva apenas objetos para galeria: leva memória, prática e uma tecnologia ancestral de cuidado. Ao mesmo tempo, esse encontro provoca perguntas sobre o que acontece quando um conhecimento tradicional entra em uma instituição de arte.

Por que escolheu materiais como a aroeira, a murta e o alguidar para a instalação?

Parte da minha experiência com o benzimento é da relação que construí com essas plantas e objetos ao longo da minha trajetória. A aroeira e a murta fazem parte de um repertório de plantas presentes nas práticas tradicionais de cuidado e carregam memórias de uso, cheiro, gesto e transmissão. O alguidar também não aparece apenas como um objeto estético. Ele pertence a um universo de práticas e saberes que atravessam minha experiência e minha relação com a ancestralidade. Na instalação, cada elemento carrega uma função, uma memória e uma relação com o território. Eu não queria simplesmente reproduzir um espaço doméstico na galeria. Queria construir um território capaz de trazer para o espaço expositivo a presença desses saberes. Por isso, os materiais são parte da própria linguagem da obra: eles carregam memória, simbolismo e experiência e ajudam a construir uma experiência em que o corpo também participa.

Como você vê seu trabalho convivendo com obras sobre tecnologia, arquitetura e futuro na mostra?

Eu vejo como uma possibilidade de colocar em diálogo diferentes formas de conhecimento e diferentes tempos. O meu trabalho parte de saberes ancestrais, mas não fala apenas sobre o passado. Fala sobre aquilo que continua vivo, que continua sendo praticado, transformado e transmitido. O benzimento, para mim, também é uma tecnologia: uma tecnologia de cuidado construída a partir da relação com as plantas, com o corpo, com a palavra, com a natureza e com a ancestralidade. Estar em uma exposição realizada pelo Museu Vale, ao lado de trabalhos que pensam tecnologia, arquitetura e futuro, amplia justamente essa reflexão sobre o que entendemos como tecnologia e quais conhecimentos estamos escolhendo levar para o futuro.